

CARLOS DIEGUES
**A REVOLUÇÃO
PENDENTE**
FEMINISMO E DEMOCRACIA



estaleiroeditora. *ensaio*

Carlos Diegues,
Estaleiro Editora, 2008

Asociación Cultural Estaleiro
estaleiroeditora@gmail.com
www.estaleiroeditora.org

Revisão e correcção:
Raquel Paz

Desenho e maquetação:
María Sobrino
X. Carlos Hidalgo

Ilustração da capa:
Núria Portela Nova

Depósito Legal: SE-4002-2008 U.E.
ISBN: 978-84-612-2570-5
Impresso em: Publidisa



O utilizador pode: copiar, distribuir, exibir e executar
a obra sob as seguintes condições:

-  **Atribuição.** O utilizador deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.
-  **Não a Obras Derivadas.** O utilizador não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.
-  **Uso Não-Comercial.** O utilizador não pode utilizar esta obra para fins comerciais.

PREFÁCIO

É BEM CERTO que nos últimos tempos a apelação à cultura está por toda a parte; até mesmo poderíamos falar numa “inflação da cultura”. Umavez, tal apelação não persegue, ou consegue, mais do que trivializar os problemas, outras o que faz é essencializar ou naturalizar a cultura. O debate sobre o multiculturalismo, a questão multicultural ou as lutas pelo reconhecimento das diferenças culturais caracterizam-se justamente por isto. Muito se tem falado na ‘política da identidade’, ‘da diferença’, ‘do reconhecimento’ ou na ‘política multicultural’, mesmo sem ter em conta que por baixo destes rótulos há propostas distintas. Seja como for, estas teorias têm em comum a concessão à cultura, ou melhor, às diferenças culturais, um lugar importante, por não dizer que a cultura é o seu ponto nodal.

Neste contexto, se não quisermos contribuir para a cerimónia da confusão, é fundamental fornecer-nos das ferramentas hermenêuticas e críticas, para podermos introduzir certa claridade, não apenas conceptual, mas fundamentalmente normativa e política. Porque o que está em jogo é, nem mais nem menos, a justiça e a igualdade nas nossas sociedades ou, dito de outro modo, a atenção e a diagnose das lutas contra as injustiças e desigualdades que acontecem hoje em dia e, se for o caso, os

seus possíveis remédios. E tal é o interesse do livro que Carlos Diegues nos apresenta. Um texto que partindo do protagonismo dos conflitos sociais provocados pelas demandas de reconhecimento da diferença vai tomar como referência analítica e crítica a teoria ética e política feminista. Não estamos, sobra dizer, perante uma aposta teórica arriscada; estamos perante uma aposta pensada e madurecida, daí que o grande mérito do autor seja conectar as suas preocupações éticas e políticas práticas com a reflexão teórica, sendo capaz de transmiti-las com paixão e com rigor.

Por outras palavras, o autor assume a tradição crítica feminista não como uma simples opção que permita, entre outras coisas, apresentar um trabalho académico, o que já não seria pouco. Não se trata pois de uma escolha entre outras possíveis: o livro supõe um compromisso com um projecto ético e político emancipador, o feminista, e busca (e logra em grande medida), articular justiça e igualdade. Essa vinculação entre justiça e igualdade faz-se mediante a integração de um novo paradigma subjectivo de liberdade e igualdade, de uma defesa da identidade cultural que não é celebração acrítica da diferença, que não comporta posições essencialistas, e que envolve uma redistribuição igualitária dos recursos. Desde esta orientação, o autor vai incidir na crítica da teoria feminista ao liberalismo, ao individualismo, à democracia liberal para entrar de cheio na questão chave: o reconhecimento.

O reconhecimento e a redução das desigualdades a diferenças culturais conformam o fio condutor da análise da filosofia moral que leva a cabo na primeira parte do livro. Desprega aqui o autor o potencial analítico e crítico acudindo a autores fundamentais da filosofia moral e política que estão na base do problema a examinar, começando pelos clássicos, Rousseau e nomeadamente Hegel, com a sua 'luta pelo reconhecimento' e da mão dos autores contemporâneos máis relevantes: Ch. Taylor, J. Habermas, A. Hönneth, J. Tully, ... Aliás, o autor destaca o carácter fulcral da perspectiva fornecida pelas teóricas feministas: Elena Pulcini, N. Fraser, I. M. Young, C. Amorós, M^a Jesús Izquierdo, na medida em que elas tentam recuperar o reconhecimento desde uma noção intersubjectiva da identidade que ao mesmo tempo põem em questão. Além disso, as feministas tiram as conseqüências que se desprendem

da 'sobrecarga genérica' da identidade feminina, buscando a conciliação do reconhecimento recíproco com a crítica da desigualdade, da exclusão e da opressão, isto é, desenvolvendo uma visão emancipadora. No decorrer destes primeiros capítulos Carlos Diegues é capaz de nos pôr em situação para compreendermos o problema teórico e prático que ele está a abordar e que o leva a acreditar que o reconhecimento baseado na intersubjectividade da identidade tem de ser entendido como uma questão de justiça e, conseqüentemente, que a justiça e a igualdade demandam tanto redistribuição quanto reconhecimento. Na segunda parte do livro (titulada de forma muito pertinente 'O reconhecimento, uma questão de justiça') Carlos Diegues continua com a defesa do projecto ético e político feminista e consegue situar-nos na reflexão sobre a democracia, a cidadania e a globalização, apontando para uma forma de democracia radical e um modelo de cidadania abertos ao reconhecimento, sem perder de vista o novo horizonte, os novos reptos colocados pela globalização.

Não sei se estas poucas e entaladas linhas estimularão os leitores para se adentrarem no livro; caso não forem suficientes, acrescentaria que o livro de Carlos Diegues comporta um exercício de reflexão rigorosa e comprometida que merece reconhecimento, pois como é óbvio, as questões que aborda são difíceis. Ora bem, também é certo que o faz, como toda aposta comprometida com a justiça e a igualdade, com grande convicção. Talvez o feminismo como movimento e teoria crítica, como tradição de luta pela igualdade tenha no seu comprido esforço por compreender as desigualdades e injustiças das nossas sociedades uma boa prova de que há mudanças possíveis.